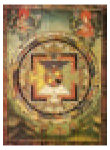
http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/mandala.htm



O que É, Afinal,
este Símbolo dos
Símbolos?

MANDALA

ENCONTRO DO HOMEM COM O UNIVERSO

Olavo de Carvalho
Revista *Planeta* #59, agosto de 1977

Presente em todas as épocas e culturas, a mandala – representação concêntrica do universo material e espiritual – acabou por se transformar num monstro sagrado do esoterismo: o público tende a lhe atribuir um poder tão mágico quanto incompreensível. Este artigo comenta o trabalho de dois pesquisadores norte-americanos que, num livro recentemente publicado, mostram a atualidade e a chave do seu segredo: ela foi uma das primeiras formas de integração do conhecimento. Por isso é que nossa época, em sua ânsia universal de integração, se interessa tanto por ela.

Iogues tibetanos em busca da integração com o universo desenhavam e contemplavam mandalas. Doentes esquizofrênicos em fase de recuperação começam espontaneamente a desenhar mandalas. Os índios do Novo México rabiscam na areia figuras mandálicas a que atribuem poderes mágicos. O que há de lógico e verdadeiro em tudo isso? E, sobretudo, por que se dá o mesmo nome a três coisas tão diferentes?

Presente em todas as épocas e culturas, a mandala apresenta uma tal infinidade de formas, significados e utilizações que acabou por se tornar uma espécie de monstro sagrado dos estudos esotéricos e por parecer tanto mais poderosa quanto menos o espectador a entende. Recentemente, dois pesquisadores norte-americanos[1], depois de remexerem templos, arquivos e museus de arte de todo o mundo em busca de mandalas, conseguiram pôr um pouco de ordem no assunto e obter uma explicação racional sobre a natureza e estrutura da mandala.

Eles descobriram que a mandala é simplesmente uma *forma propícia para englobar sistemas simbólicos de toda ordem.* Ela é como que uma chave universal para a *integração* dos pensamentos e imaginações. Sua qualidade mágica reside em que uma chave dessa natureza só funciona se tiver uma correspondência profunda e essencial com a própria organização da mente humana.

Por ser assim universal, a mandala tanto pode servir para estruturar visões de tipo religioso, tal como no hinduísmo, como ocorre na astrologia (o Zodíaco é uma mandala), ou ainda para juntar os pedaços desconexos da mente enferma. Assim, a mandala não envolve nenhuma visão do mundo específica. Ao contrário, ela estará presente onde quer que se busque uma visão do mundo (ou de si mesmo) que seja de caráter integral, coerente e orgânico, não importando o seu conteúdo específico nem o seu grau de riqueza imaginativa e muito menos a sua precisão conceitual. O hinduísmo é tão (ou tão pouco) mandálico quanto os delírios circulares do esquizofrênico ou quanto o "enfoque sistêmico" desenvolvido recentemente pelas ciências da informação.[2]

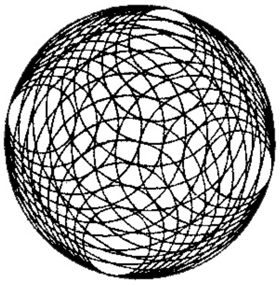
O traço comum entre esses três enfoques é a busca da integração, mas num sentido que envolve não apenas a coerência e unidade do *objeto* descrito (o mundo), mas também a coerência e unidade do *observador* (a mente, o sujeito humano) e a *semelhança estrutural* entre essas duas dimensões. A ciência moderna faz precisamente isso ao falar de *ecossistema.*

Esta noção não significa apenas o caráter coerente e orgânico do *meio* onde o homem vive, mas a semelhança entre o funcionamento desse meio e o funcionamento dos indivíduos – humanos, animais ou vegetais – que estejam dentro dele, e cada um dos quais, por sua vez, é um ecossistema onde vivem indivíduos menores, como os unicelulares, por exemplo.[3]

É um fato extraordinário da nossa época que visões tão aparentemente desconexas, como a religião, a biologia e o delírio, exibam finalmente um pouco da lógica comum que as organiza. Mas é um fato ainda mais extraordinário que um instrumento capaz da de abarcar universos tão aparentemente distantes entre si tenha sido introduzido no Tibete no 8º a.C. (pelo grande mestre Padma Sambhava, que por sua vez trouxe da Índia, onde é de se supor que existisse desde muito antes).

POR QUE DEMORAMOS TANTO A DESCOBRI-LO?

Igualmente estranho é que a mente ocidental tenha demorado tanto para descobrir esse instrumento. Na realidade, até recentemente, havia obstáculos temíveis nesse sentido. Esses obstáculos residiam no tipo de ciência que se desenvolveu no Ocidente, e que sempre foi uma ciência marcadamente analítica, preocupada em traçar a conexão linear que liga cada efeito a cada causa e, portanto, mais ocupada com a precisão dos detalhes do que com a coerência orgânica do todo. Mas essa mesma preocupação com a precisão levou o Ocidente ao desenvolvimento gigantesco das matemáticas, e estas levaram, no nosso século, à criação, por Norbert Wiener, das ciências da informação. Logo estas se revelaram espantosamente eficazes para abordar assuntos que o próprio enfoque analítico, que lhes dera nascimento, não comportava.



Muitas coisas têm o nome de mandala.
O que há de comum entre todas elas?

Assim como na física as leis da gravitação não valem para as dimensões infinitamente grandes, do mesmo modo em economia, sociologia, ecologia, as leis de causa-e-efeito não valem para o âmbito do sistema econômico, da vida social ou do ecossistema, onde os fenômenos alcançaram a dimensão do *infinitamente complexo.* Enquanto as ciências se apegaram ao princípio de causa-e-efeito, esses setores da realidade continuaram fora do seu alcance, e

só acessíveis à imaginação poética ou à especulação filosófica. (Por isto aprendíamos mais de sociologia do capitalismo lendo Balzac do que assistindo aulas na universidade.)

Atualmente, o enfoque sistêmico, criado a partir do trabalho de Wiener pelos seus companheiros do MIT (Massachusetts Institute of Technology), e que assimila ao método científico o uso da imaginação integradora, permite que a ciência estude sistemas de inter-relações tão complexos quanto a Bacia Amazônica, as células do organismo ou o funcionamento da economia de um país ou de uma grande empresa. E permite, ainda, encontrar traços comuns entre todos esses sistemas.

A introdução do enfoque sistêmico representa uma revolução científica cultural tão grande que perto dela as grandes conquistas da tecnologia, que hoje admiramos, acabarão parecendo apenas músicos que afinam os instrumentos antes de o maestro entrar em cena e começar verdadeiramente a música. Ela revela que a nossa época busca apaixonadamente uma síntese do saber (e uma chave sintética para o saber) e tais sínteses são acontecimentos primordiais da história humana.

Nesse esforço, os pensadores ocidentais insistem cada vez mais no caráter *aberto* (desenvolvimento infinito) e *circular* (retroação dos efeitos sobre as causas, e fertilização mútua) dos sistemas que estudam.

Uma síntese dessa ordem (e dessas dimensões) deve ter produzido as primeiras mandalas, cuja estrutura implica, precisamente, segundo José e Miriam Argüelles, as características de *abertura* e *circularidade.*

MICROCOSMO
E MACROCOSMO

O caráter integrador da mandala torna-se evidente quando consideramos (na esteira do casal Argüelles) que, sendo uma descrição da realidade observada, ele tem a mesma estrutura do olho humano: um centro e círculos em volta. Além do centro, toda representação da mandala apresenta sempre mais dois elementos: *simetria* e *ponto de orientação.*

O centro representa não só o núcleo da consciência do observador como também o alcance universal, divino, da consciência individual verdadeiramente centrada em si mesma e identificada com o universo. Por isto mesmo, em todas as mandalas, o centro representa também o tempo, que por toda a parte e sempre só surge sob a forma concreta de um interminável *agora*

(o passado e o futuro são simples conclusões que extraímos precisamente da continuidade da consciência, isto é, da continuidade do *presente*).

Não só o ser humano possui um centro, mas todas as coisas e seres, na medida em que existem, possuem uma presença, um aqui-agora, um "eu". (Esta é uma tese plenamente aceitável em termos de ciência moderna: os neognósticos de Princeton a endossam.)[4] Assim, o centro da realidade universal está por toda parte, onde quer que exista uma presença.

O centro tem um caráter paradoxal. Por um lado, é impossível defini-lo, porque o agora não se deixa agarrar. Por outro, ele é a única realidade concreta, já que todas as coisas que não estão no agora são simples ilações.

O elemento seguinte, a simetria, é variável: compõe-se de todas as realidades que existem "em volta" do agora, assim como na simples percepção visual o foco, que é o centro de atenção, se desloca de um lado para outro, permanecendo sempre o mesmo, enquanto os detalhes que se organizam em volta dele mudam a grande velocidade.

Do mesmo modo, na mandala, a variedade de simetrias possíveis é praticamente infinita: as figuras podem corresponder-se geometricamente, ou por semelhança, ou derivar uma das outras, ou evoluir em espiral ou ainda estar tão coladas umas às outras que se fechem em círculos.

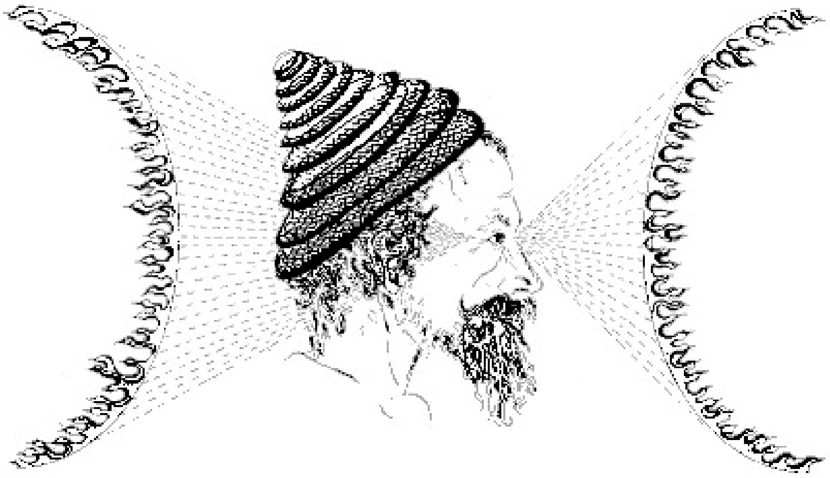
Os *pontos de orientação* são simplesmente as figuras entre as quais se organiza a simetria. Os vários círculos da mandala representam as realidades percebidas em torno do núcleo. Essas realidades podem ser desde simples objetos progressivamente afastados do centro do olhar até os diversos "andares" da existência objetiva (desde o microcosmo até o macrocosmo) ou ainda estágios progressivos e regressivos no desenvolvimento da consciência. Pode ainda haver interseção de distintas ordens de realidades. No Tibete, onde segundo o casal Argüelles as mandalas alcançaram o máximo de perfeição artística, algumas mandalas mostram, entre as faixas circulares, uma quadrada, que significa o imperador, seu palácio e suas leis. Ou seja: entre o microcosmo e o macrocosmo situa-se, como um elo de ligação, o mundo de criação humana, o mundo social.

Durgatiparishodhana – uma típica mandala tibetana.

CIRCULO MÁGICO OU APARATO LÓGICO?

Em sânscrito, mandala significa simplesmente "círculo". Isto deveria funcionar como um freio aos que, sem refletir no assunto, lhe atribuem poderes mágicos. Provavelmente a mandala em si mesma não seja nem mais nem menos mágica que o Zodíaco ou o enfoque sistêmico. O que ocorre é que ela é muito mais do que uma simples representação da totalidade. Os antigos não eram mentes teóricas, e tudo o que faziam tinha por objetivo o aperfeiçoamento prático do ser humano. Nesse sentido, a mandala é também o *meio* para se contactar essa totalidade da qual ela é também representação. Na realidade, ela engloba:

. o objeto representado (microcosmo e macrocosmo);
. o observador (o centro, que é a consciência);
. o caminho que leva de um a outro (o pensamento circular propiciado pela contemplação);
. a representação gráfica, artística, desses três elementos;
. a abertura para uma continuação do processo (a mandala é uma representação finita de um processo infinito, mas teoricamente nada impede que a elaboração dessa representação se torne, ela mesma, infinita, ou que se contemple uma mandala infinitamente, extraindo dela sempre mais).



Contemplar a mandala é uma forma de psicoterapia.

Percebe-se que a mandala é muito mais globalizante do que o enfoque ou do que qualquer outro método de conhecimento jamais inventado pelo homem. Simultaneamente conceito e método, lógica e visualização, prática e resultado da prática, a mandala é o método por excelência para a abordagem da totalidade.

CONTEMPLAR E FAZER

Os antigos diziam que contemplando a mandala – mas sobretudo construindo uma com suas visões interiores – o homem chega a integrar suas partes desconexas e a poder vivenciar sua própria unidade, e portanto a unidade do cosmo.

Na realidade, contemplar uma mandala é produzir uma mandala, porque é impossível examinar suas figuras e compreendê-las sem relacionar umas com as outras e fazer, de certo modo, um raciocínio que acabará obviamente por

seguir o mesmo caminho do raciocínio circular e totalizante que está por baixo delas. *A contemplação da mandala tem, ela mesma, uma estrutura mandálica:* daí o seu poder de integração sobre a mente do observador: relacionar umas com as outras imagens do exterior, atribuindo-lhes significados do nosso interior, redunda, evidentemente, em relacionar as partes do nosso próprio interior, em integrar a nossa própria personalidade. Daí a observação quanto aos pacientes esquizofrênicos que espontaneamente começam a dispor as figuras em círculos concêntricos.

Esta observação foi feita por Carl Gustav Jung, que concluiu dela que os pacientes, nessa fase, buscavam instintivamente reorganizar sua imaginação. Jung julgou então que construir mandalas podia ser útil na psicoterapia, e fez algumas experiências bem-sucedidas nesse sentido.

Os antigos lidavam com esses assuntos com uma facilidade que nos espanta – a nós que não conseguimos formular um pensamento sem jogar fora todos os demais. A dificuldade moderna em compreender o pensamento circular implícito na mandala provavelmente resulta de um apego a uma conquista mental mais ou menos recente da história humana, que é o raciocínio puramente verbal e linear. Enquanto a contemplação é um dom natural, o raciocínio verbal foi uma conquista penosa, que a sociedade humana, com justas razões, teme perder.

Um outro tipo de mandala tibetana.

O HOMEM É UM MICROCOSMO

Nas mandalas tibetanas, as produções humanas, sociais, representadas no quadrado, estão sempre *dentro* do círculo, o que indica a submissão das instituições humanas à harmonia natural. A sociedade moderna perdeu a visão desta harmonia, e Vê a ruptura entre os dois níveis da existência natural e social como algo de aparentemente insuperável.

A mandala contém ainda duas outras idéias, bastante alheias aos hábitos modernos. A primeira é a de considerar o homem um microcosmo. Se a natureza em sua totalidade é um conjunto harmônico – a que denominamos macrocosmo –, o homem, na sua condição de microcosmo, certamente portará em si, em plano menor, a mesma harmonia. O pensamento humano, linear ou não, não é uma força exterior à natureza, que surja do nada para dominá-la

com um *deus ex machina*, mas a cópia de um processo (de divisão e união) que já existe na própria natureza. A sociedade moderna, ao contrário, vê o pensamento humano como algo exterior e estranho à natureza.

A segunda idéia é a de que o processo de divisão (tal como se vê, por exemplo, no procedimento mental a que chamamos *análise*) surge sempre de um estado anterior de união. Assim como não existe dia sem noite, nem homem sem mulher, assim também não existirá um pensamento distinto da natureza se não houver na base dele um estado indiferenciado de união pensamento-natureza.

A primeira idéia tem como resultado que as instituições humanas, sendo projeções em escala pequena da harmonia total do cosmo, possui algo dessa harmonia. Quer dizer: a comunidade humana traz em si um pouco da ordem cósmica, e a transmite a cada indivíduo.

Ao abandonar, portanto, a idéia de que o homem é um microcosmo, a sociedade ocidental se colocou mentalmente fora da ordem cósmica. Escolheu o isolamento e decretou que o homem sobre a terra é um ínfimo grão de espiritualidade jogado por um cruel acaso entre as rodas de um universo mecânico e sem sentido. Para sair desse isolamento, busca dominar e "consertar" a natureza, que lhe parece por toda parte, na expressão do poeta, "um vácuo atormentado, um sistema de erros".

A comunidade organizada nessas bases não pode, evidentemente, transmitir a seus membros a mínima sensação de unidade com o cosmo e de uma vida dotada de sentido, ordem e harmonia. Só pode exercer um efeito cada vez mais fragmentador que, na escala individual, alimenta em cada homem a sensação de ser apenas um lapso do cosmo, e em escala social deságua na histeria salvacionista dos ditadores e demagogos, que comerciam com a ânsia humana de segurança, repouso e equilíbrio.

Tudo isso não impede, entretanto, afirma o casal Argüelles, que individualmente ou em grupos pequenos busquemos reconstruir e unir o que a existência social fragmenta e separa. Quando a comunidade mantinha seus hábitos, suas leis e sua economia em relação de harmonia com o cosmo, provavelmente, dizem eles, não havia necessidade de mandalas, porque as instituições funcionavam como ponte entre o microcosmo e o macrocosmo, e a convivência humana, como a natureza mesma, tinha sentido, força e equilíbrio.

Na nossa época, ao inverso, as mandalas saíram dos pequenos grupos esotéricos para o emprego sistemático em clínicas psiquiátricas, e das clínicas psiquiátricas se lastraram para as universidades e daí para os lares de classe média. A popularização da mandala vem junto com a tendência quase universal das camadas letradas – científicas e humanísticas – no sentido de buscar formas cada vez mais abrangentes de integração do conhecimento e de produzir formas de convivência social que restaurem o equilíbrio natural. Os físicos de Princeton, os matemáticos e biólogos do MIT e os parapsicólogos – recentemente reunidos em Tóquio sob o lema programático "Integração do Homem" a – trabalham na mesma linha daqueles que, como José e Miriam Argüelles, buscam recuperar o *know-how* das civilizações antigas em matéria de integração da mente. No auge da fragmentação e do caos, o Ocidente, como um louco em vias de recuperação, começa em peso a desenhar mandalas.

---

[1] José e Miriam Argüelles, *Mandala*, Berkeley, Shambala Publications, Inc., 1977. (O dr. Argüelles, 34 anos, é Ph.D. em história da arte pela Universidade de Princeton e Davis antes de começas, cinco anos atrás, suas pesquisas sobre a mandala. Sua esposa e colaboradora, Miruam Argüelles, é M. A. em história da arte pela Universidade de Michigan e Ilustradora bem cotada nos meios editoriais norte-americanos.)

[2] Sobre o enfoque sistêmico, v. *Le Macroscope. Vers Une Vision Globase,* por Joël de Rosnay (Paris, Le Seuil, 1975). O autor é biólogo e professor no MIT.

[3] Sobre a célula como ecossistema, v. *As Vidas de uma Célula. Notas de um Estudioso de Biologia*, por Lewis Thomas (tradução brasileira, São Paulo, Brasiliense, 1976).

[4] V. o artigo do autor sobre "A Gnose de Princeton", em *Planeta* nº 57.